

## A MACHEZA NA SOCIEDADE SERTANEJA SERRATALHADENSE: Origem, elementos constituintes e justificadores

José FERREIRA JÚNIOR\*

### RESUMO

Constituída por homens e mulheres, seres históricos e, conseqüentemente, passíveis de construções e representações, a sociedade sertaneja é, dentre outros elementos, possuidora de uma representação: a macheza. Este artigo objetiva discutir esse *ethos*, tomando como espacialidade a sociedade serratalhadense e, como recorte temporal, o final do século XIX até meados do século XX. A metodologia utilizada é a da revisão bibliográfica justaposta à manutenção de diálogo entre história, sociologia e antropologia. Como resultado tem-se uma síntese da construção do que se considera ser macho na sociedade em questão, derivando-se disso a compreensão das representações de macheza em seus dias atuais.

**Palavras-chave:** macho, macheza, representação.

### INTRODUÇÃO

A nomenclatura “macho” é, sertanejamente falando, polissêmica. Ou seja, a depender da circunstância, experimenta uma conotação. Assim, afirma-se ser macho, por exemplo, aquele que cumpre com a palavra dada, o que cumpre com os compromissos assumidos, o que constitui uma prole significativa, o que resolve as diferenças de maneira violenta, o que se mostra ativo na prática sexual e aquele que empreende dominação sobre a mulher companheira.

Concebendo a macheza como não sendo algo natural, mas uma invenção e, por isso, possuidora de um início determinado cronologicamente ou não (HOBBSAWM, 2002); tendo a consciência de que “a natureza do homem é inteiramente interpretada pela cultura” e, por isso, “nada é puramente natural no homem” (CUCHE, 2002:10-11); entendendo que “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais e comportamentais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 1992:71) e apoiando-se na premissa de que a investigação do passado pode vir a responder questionamentos derivados de observações feitas no tempo presente, tomando como objeto a sociedade serratalhadense e estabelecendo como recorte temporal o final do século XIX a meados do XX, busca este trabalho compreender como se deu a construção desse *ethos* na sociedade investigada.

Na busca da obtenção desse entendimento é empreendida uma revisão bibliográfica, somando-se a isso o estabelecimento dialógico entre a História, a Sociologia e a Antropologia. Pretende-se, dessa maneira, uma síntese da construção do que é considerado ser macho na sociedade serratalhadense e, a partir daí, compreender representações de macheza em seus dias atuais.

---

\* Faculdade de Integração do Sertão (FIS); Doutorando e Mestre em Ciências Sociais (UFCG).

## 1. O ser macho na sociedade sertaneja: uma representação importada dalém mar

Sabe-se que a sociedade brasileira, nada obstante ser resultado de um caldeamento, no seu processo de formação experimentou significativa influência da sociedade colonizadora, a portuguesa, quando referência é feita às ações protagonizadas por determinados atores sociais masculinos que os fazem socialmente diferenciados dos demais.

Na sociedade colonial açucareira brasileira, o fazer cotidiano do senhor do engenho, por exemplo, demonstra o ser macho em essência. Tendo em si a palavra última no referente à vida e à morte de alguém em seus domínios, esse ator social demonstra o ser macho como característica do seu caráter. Veja-se o excerto abaixo, relatado por (EDMUNDO, 1935: 279-281), que corrobora com a afirmação feita:

Pedro Vieira era português das Ilhas e tinha um engenho em Canavieiras. Sobravam-lhe recursos. E temperamento [...] já avô, vivia, entretanto, entre as suas canas-de-açúcar, como um sátiro feliz, a *caçar ninfas* negras [...] descobre que justamente a *ninfa* preferida de seus desvelos havia cedido a outro, e logo a quem? Ao filho de sua própria carne! Como **pai e juiz**, pensa um pouco e resolve, tranquilamente, mandar matá-lo. Quer, porém, fazê-lo com requinte. Para isso manda chamar outro filho, o mais velho. Chega este e humildemente indaga do pai o que deseja.

----- Tens contigo a garrucha?

----- Tenho, Senhor pai.

----- Pois trata de aperrá-la melhor, e com ela mate o infame do teu irmão que, de matá-lo eu próprio, até me enjojo. E já. São ordens.

Parte o outro. Volta, entretanto, momentos após.

----- **Mataste-o?** Indaga o homem ignominioso ao filho trêmulo, que chega, baixa os olhos, e fala:

----- Ainda não, Senhor pai. É que o mano manda pedir a vossa mercê perdão, e diz ainda que se compromete a desaparecer, fugir, abandonar o lugar e a província, com ele levando, apenas, desde que vossa mercê assim consinta, a mocidade e a vida.

----- **Não. Não quero. Não perdôo. Ele terá que morrer. É minha vontade, diz o pai. Volta. Mata-o.**

(Os negritos são nossos).

Percebe-se no texto acima a afirmação do ser macho no agir do pai e, por conseguinte, dono dos destinos daqueles que estavam sob a sua área de domínio. Seu querer deveria prevalecer, qualquer que fosse a circunstância, não interessando se, na consecução da sua vontade, viesse a protagonizar a morte do próprio filho.

Para que não se diga que tais práticas eram exclusivas dos senhores de engenho e, conseqüentemente, realidade social do pedaço nordestino chamado Zona da Mata <sup>1</sup>, tomemos como exemplo práticas sociais vivenciadas no momento em que a colonização lusa se estende para além do litoral. Ou seja, quando, em decorrência da incompatibilidade verificada entre o cultivo da cana-de-açúcar e a continuidade da criação do gado bovino no litoral <sup>2</sup>, deu-se,

<sup>1</sup> A Zona da Mata é a primeira das quatro sub-regiões nordestinas. As demais, por ordem, levando-se em conta o sentido leste-oeste, são: Agreste, Sertão e Meio-Norte. Esta última, todavia, somente existe em partes dos estados do Piauí e do Maranhão.

<sup>2</sup> A proliferação do gado bovino no litoral trouxe consigo a ocupação de áreas que deveriam ser ocupadas pela monocultura canavieira que, por sua vez, dentro da lógica mercantilista (quantidade de lucro diretamente proporcional à produção obtida), exigia, cada vez mais, espaços maiores para plantio; Além de ocupar espaço destinado ao plantio da cana, o gado bovino também protagonizava, mediante a sua movimentação, a compactação do solo, dificultando o seu manuseio no momento do plantio.

mediante proibição da pecuária litorânea (FAUSTO, 2004:44)<sup>3</sup> e de uma série de incentivos Reais<sup>4</sup>, a migração das boiadas para o Sertão, parte maior do Nordeste brasileiro.

Escolhendo o espaço serra-talhadense, localizado na microrregião do Pajeú, uma das quatro que compõem a Mesorregião do Sertão de Pernambuco<sup>5</sup>, tomemos como exemplo práticas de macheza presentes em determinados atores que, pioneiramente, ocuparam-no. A ação do capitão Simplício Pereira da Silva, registrada por (WILSON, 1974: 213), é elemento sinalizador da prática do ser macho, enquanto elemento de sobreposição na sociedade daqueles idos.

[...] almoçavam juntos, patriarcalmente, numa de suas propriedades, Simplício e alguns de seus agregados. De primeiro, comiam, regra geral, à mesma mesa, amos e moradores, a manejarem colheres e não facas e garfos, a rasgarem a carne assada com as mãos, a roerem os ossos de criação (bodes e ovelhas) ou de galinha, segurando-os com os dedos da mão direita, até tirar-lhes todas as fibras, a dentes. No meio do almoço, um dos convivas, sacudiu pela janela um osso que descarnara, atingindo o capitão. Tremeram todos que assistiram à cena, prevendo o desfecho. O homem suspendeu a comida e desfez-se em desculpas. Simplício disse-lhe o seguinte:  
---- Coma para morrer de barriga cheia.  
E, depois do almoço, matou, na realidade, o morador. (Os negritos são nossos).

Ainda na continuidade de busca de sustentação do que afirmamos, encontramos outro elemento que, quando verificado mais detidamente, revela-se como significativo na construção do ser macho na sociedade sertaneja e, mais especificamente, serratalhadense: o cristianismo católico<sup>6</sup>.

Proveniente do judaísmo, o cristianismo, nada obstante diferenciar-se soteriologicamente<sup>7</sup>, é mantenedor de várias práticas presentes no credo judeu, sendo a supremacia do homem sobre a mulher uma delas. Estabelecendo-se leitura de determinados excertos neotestamentários, verifica-se, claramente a superioridade da figura masculina em relação à feminina. Veja-se o dito pelo apóstolo Paulo aos crentes efésios:

**As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher**, como também Cristo é o cabeça da Igreja [...] Como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também **as mulheres sejam, em tudo, submissas aos seu marido**<sup>8</sup> (Os negritos são nossos).

A sociedade portuguesa, proveniente que era, majoritariamente, do reino de Castela, um dos chamados Reinos Cristãos, era perpassada acentuadamente pela religião cristã católica. Esse elemento cultural era prática presente na nobreza visigótica, que, mediante a invasão da Península Ibérica pelos árabes muçulmanos, estabeleceu refúgio nas montanhas das Astúrias e, ali, subdividiu-se em quatro reinos: Leão, Navarra, Castela e Aragão. Essa nobreza empreendeu luta

<sup>3</sup> Decreto real de 1701, que decreta proibida a pecuária bovina em um raio de 80 km, a partir do litoral.

<sup>4</sup> Isenção do pagamento de impostos, livre ocupação de terras e, principalmente, toda autoridade para agir, eram as vantagens gozadas pelos que se aventuravam na empresa pecuária sertaneja.

<sup>5</sup> Serra Talhada está localizada às margens da BR-232 e dista da capital, Recife, cerca de 440 Km. É a maior das dezessete cidades que perfazem a microrregião do Pajeú. Esta, juntamente com as microrregiões do Moxotó, de Salgueiro e de Araripina, formam a Mesorregião do Sertão Pernambucano.

<sup>6</sup> A expressão “católico” é usada em decorrência de ser esta variante do credo cristão a hegemônica na sociedade em discussão.

<sup>7</sup> A justificação pela ótica judaica se faz a partir do cumprimento da Lei Mosaica. No Cristianismo, este posicionamento decorre da fé professada na ação misericordiosa de Deus, chegada ao homem proveniente da crença deste em Jesus, chamado o Cristo, enquanto via única de salvação da alma;

<sup>8</sup> Efésios 5: 22-24;

contra a presença muçulmana em território ibérico. Esse confronto, denominado Guerra da Reconquista, tinha como objetivo, além da retomada do espaço ocupado, fazer prevalecida a fé cristã católica no mesmo.

Terminado o confronto, em recompensa pelos serviços prestados, Henrique de Borgonha, nobre francês, conforme o costume medieval da susserania e vassalagem, recebe de Afonso VI, rei de Castela, além de uma de suas filhas em casamento, uma porção de terra, passando a chamá-la Condado Portucalense. Seu filho e sucessor, Afonso Henriques, apoiado pela Igreja, rompe os laços de susserania e vassalagem com Castela, funda o Reino da Portucália e estabelece a Dinastia de Borgonha<sup>9</sup>. Aí, fortalece-se a ligação entre Igreja e Coroa portuguesa.

Posteriormente, no processo de Grandes Navegações, no século XVI, quando em Portugal reinava a Dinastia de Avis<sup>10</sup>, as conquistas estabelecidas pela Coroa portuguesa eram também conquistas da Igreja, uma vez que, nas terras definidas como posse do rei, estabelecia-se, oficialmente, a religião cristã católica. Assim o foi no Brasil (COTRIM, 2002).

Desse modo, perpassado pela religiosidade cristã católica, o homem colonial fazia prevalecer o seu querer sobre a mulher e esta, por sua vez, também significativamente perpassada pela prática de credo falado, aquiescia aos desmandos de macheza. Sobre isto, discorre (ARAÚJO, 2009: 45-46):

**A todo-poderosa Igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido para justificar a repressão era simples: o homem era superior, e, portanto cabia a ele exercer a autoridade [...] De modo que o macho (marido, pai, irmão etc.) representava Cristo no lar. A mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca. Já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada (Os negritos são nossos).**

Justaposto à verticalização eclesiástica, no concernente à submissão da mulher ao homem (pai, irmão, tio, tutor, marido), existia o processo educativo que também contribuía significativamente para a consecução do adestramento da sexualidade feminina, no Brasil colônia. Tal educação era dirigida exclusivamente para os afazeres domésticos. Daí, existir significativa discrepância entre o que se ensinava aos meninos e o que se ensinava às meninas. Desse modo, segundo (ARAÚJO, 2009: 50): “só as que mais tarde seriam destinadas ao convento aprendiam latim e música; as demais se restringiam ao que interessava ao funcionamento do futuro lar: ler, escrever, contar, coser e bordar”.

Adestrada sexualmente e, conseqüentemente, convencida de seu papel social – submissão ao macho -, ainda em tenra idade<sup>11</sup>, experimentavam o casamento, geralmente com homens muito mais velhos - sendo tal prática, para significativo número de homens, também tida como terapêutica<sup>12</sup>. Quando casadas, experimentavam a mudança de senhorio, visto que, agora, este era exercido por seu marido.

<sup>9</sup> Dinastia de Borgonha 1139 – 1385;

<sup>10</sup> Dinastia de Avis 1385 – 1580;

<sup>11</sup> “Desde o século XVI [...] quem tivesse sua filha, que a casasse meninota. **Porque depois de certa idade as mulheres pareciam não oferecer o mesmo sabor de virgens ou donzelas que aos doze ou aos treze anos.** Já não conservavam o provocante verdor de meninas-moças apreciado pelos maridos de trinta, quarenta anos. Às vezes de cinquenta, sessenta, e até setenta. (FREYRE, 2004, p. 429). (Os negritos são nossos).

<sup>12</sup> “O Dr. João Álvares de Azevedo Macedo Júnior registrou, em 1869, **o estranho costume, vindo, ao que parece, dos tempos coloniais: e de que ainda se encontram traços nas áreas pernambucana e fluminense dos velhos engenhos de açúcar.** Segundo o doutor Macedo seriam os blenorragicos que o ‘bárbaro prejuízo’ considerava curados se conseguissem intercurso com mulher púbere: **‘a inoculação deste vírus em uma mulher púbere é o meio seguro de o extinguir em si’**”. (FREYRE, 2004, p. 400). (Os negritos são nossos).

Não muito tempo depois, a menina tornava-se mãe e, segundo (FREYRE 2004: 432), “na idade de brincar com boneca, já estava lidando com filho”. Desse modo, cumpria seu papel, pois, “na visão da sociedade misógina, a maternidade teria que ser o ápice da vida da mulher. Doravante, ela se afastava de Eva e se aproximava de Maria, a mulher que pariu virgem o salvador do mundo” (ARAUJO, 2009, p. 52).

Todavia, necessário se faz abrir parênteses para trazer à tona que a aquiescência aos desmandos masculinos não deve ser tomado como algo absoluto. Ou seja, torna-se imprescindível o conhecimento de que “havia comportamentos femininos que se contrapunham ao modelo patriarcalista, este, sobretudo enfatizado por Gilberto Freyre em sua obra *Casa Grande e Senzala*” (COELHO, 2008: 17). Porém, prevalecia a introjeção dos valores sociais que remetiam a mulher à condição de ser inferior, sendo que tal introjeção era conseguida por vias diferentes. Institucionalmente, Igreja e família se responsabilizavam pelo trabalho de a mulher conscientizar de sua inferioridade. Fora do âmbito institucional, outros mecanismos de coerção havia que reforçavam tal conscientização: “tagarelice de vizinhos, aceitação em certos círculos, da imagem a ser mantida neste ou naquele ambiente etc.” (ARAUJO, 2009: 53).

Torna-se possível, por isso, enxergar tal sociedade sob a ótica durkheimiana do fato social, onde uma prática é geral por ser social e não é social por ser geral (DURKHEIM, 2007). Desse modo, ante a coercitividade, legífera ou não, que chegada é ao transgressor daquilo que em sociedade definiu-se como sendo a prática correta, a maioria, no caso a maioria feminina, optou pela introjeção dos valores misóginos coloniais, ainda que, os desvios normativos não se constituíssem algo incomum naquela sociedade.

## 2. A macheza na sociedade serratalhadense: elementos constituintes e justificadores

O Nordeste, enquanto espacialidade, não existe por si só. Ou seja, é fruto de constructo humano. No referente à nomenclatura esta é tanto fruto da sua localização natural – entre o Norte e o Leste – quanto da intencionalidade governamental varguista, através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE<sup>13</sup>. Todavia, no concernente à questão identitária, pode-se falar numa invenção de uma identidade Nordeste, conforme a fala de (ALBUQUERQUE JR, 2009:66):

O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado para sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que se cristalizaram [...] **O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença.** (Os negritos são nossos).

O nordestino, mais especificamente o sertanejo, por sua vez, enquanto característica identificatória é possuidor de várias identidades sendo, talvez, a mais célebre, a de ser forte, que lhe foi dada por Euclides da Cunha, em “Os Sertões”. Outra identidade do sertanejo, esta a que interessa nesta discussão, é a de macho, que sinonimizada é, principalmente, pelo ser valente, visto que “ser cabra macho requer ser destemido, forte, valente, corajoso. Nesta sociedade, o frouxo não se mete, não há lugar para homens fracos e covardes” (ALBUQUERQUE JR, 1999: 4).

Exemplo cabal de valentia como sendo sinônimo de macheza, de ser cabra macho, é o narrado por (WILSON:1974, 83), envolvendo o capitão Simplício Pereira, um dos primevos do clã Pereira, em Serra Talhada:

Conta-se que no dia em que o capitão subiu e tomou a Serra Negra, em Floresta do Navio, seu jovem e ardoroso amigo Lúcio Campos, sem saber que ele já havia sido o herói do grande feito, ao chegar ao topo da serra e não o encontrando, na ocasião teria dito para um dos homens que o acompanhavam:

----- Cadê Simplício Pereira? **Eu sabia que quem tem “aquele negócio” tem medo!**

Simplício soube da história e disse a Lúcio quando o encontrou depois, em outro lugar da Serra Negra:

----- Eu tenho “aquele negócio” que você falou, mas é para outra coisa, não é para ter medo, **porque até hoje não sei o que é ter medo de coisa alguma neste mundo.** (Os negritos são nossos).

A valentia, que aqui aparece como elemento constituinte do ser macho no sertão nordestino, era, na grande maioria das vezes, parceira da violência. Todavia, é necessário esclarecer que não era a violência gratuita, mas específica. Havia e, pode-se dizer, ainda há, momentos determinados para a sua prática e, quando desses momentos, por mais estrondosa que o fosse, era vista como atitude louvável, porque exterioriza o certo, o que não se pode abrir mão. A honra, por exemplo, é um dos mais fortes elementos justificadores da prática da violência. Veja-se, narrado por (WILSON,1974: 92), diálogo entre mãe e filho, também na região de Serra Talhada, em inícios do século XX:

Naquela época **a vingança era um dever sagrado.** As próprias mulheres atiçavam o ódio e a vindita. **Às vezes, as próprias mães.** No princípio do século, um rapaz apanhou de um soldado, numa festa, em um pé de serra. Ao

<sup>13</sup> A divisão regional do Brasil em cinco grandes regiões geográficas foi oficialmente adotada em 1942.

voltar a casa, na manhã seguinte, ao pedir a bênção à mãe (Antônia, neta do comendador da Ordem da Rosa, Manuel Pereira da Silva), esta lhe diz:

----- **Não, você não é meu filho, que eu não sou casada com Cipriano** (o soldado com o qual o filho havia brigado ou de quem tinha apanhado).

**Dias depois, o rapaz mata o soldado** e entra para o grupo de Sebastião Pereira. Agora, quando volta a casa, sem dúvida, às carreiras, e **pede à mãe que o abençoe, esta o recebe alegre:**

----- **Deus o abençoe, meu filho!** (Os negritos são nossos).

Na opinião de (ALBUQUERQUE JR, 1999: 4), a violência no espaço nordestino sertanejo aqui apresentado é algo que se apresenta como sendo necessária em uma sociedade onde “o monopólio da violência ainda não estaria com o Estado”. Desse modo, a prática se torna elogiável, ou seja, atitudes tão violentas e extremadas quanto às praticadas por bandidos, podem vir a serem elogiadas se praticadas e legitimadas pelo código de moralidade que perpassa significativamente a sociedade em questão. Isto visto, “um ato encarado como de valentia e de bravura não fica muito distante de um ato criminoso” e, assim, “as fronteiras entre a ordem e a desordem aparecem como muito tênues” (ALBUQUERQUE JR, 1999: 4).

Exemplo de atrocidade reputada como legítima porquanto se atrela à questão de honra é a violência praticada por Sinhô Pereira em Antônio Carvalho, conhecido como Antônio da Umburana, em Queixada, atual cidade de Mirandiba, no sertão pernambucano. Neste acontecimento se revela outro componente do perfil do macho sertanejo: o encarar a morte sem qualquer resquício de medo diante do alçó. Veja-se o dito por (MACIEL, 1986: 61):

Com seus cabras em Queixada (Mirandiba), Sinhô pegou Antônio da Umburana, derrubou-o, e com o joelho na barriga e o punhal no peito desafiou:

----- **Chame agora minha mãe de besta torta que eu lhe mato!**

Antônio não teve dúvida e disse:

----- **Besta torta<sup>14</sup>.**

E Sinhô meteu-lhe o punhal. **Antônio repetiu tantas vezes quanto pôde e a cada vez recebia uma punhalada. Morto, sangrado, esquartejado e queimado.** Uma senhora, Dona Terta, lhe recolheu, num lençol, os despojos crestados e chamuscados para sepultar. (Os negritos são nossos).

Verifique-se o que um mero apelido gerou! A aparente causal banalidade do crime rui por terra, quando se pormenoriza a ação. Não se tratava de um simples apelido, mas de afronta promovida ao inimigo e, enquanto elemento agravante, relembre-se, afronta feita à mãe do inimigo, algo imperdoável, ainda hoje, para muitos sertanejos. Assim, ainda que o requinte de crueldade que perpassa o crime do Pereira sobre o Carvalho seja gritante, nas plagas sertanejas este agir é justificado, uma vez que se encima na moral: a mãe é figura inatacável.

Ainda na querela Pereira X Carvalho, digna de nota é o ocorrido na antiga Vila de São Francisco, atual Vila Pajeú, 5º Distrito de Serra Talhada, Pernambuco. Reduto da família Pereira, à época, São Francisco foi atacada, no princípio do século passado, por numeroso grupo de homens armados sob comando de membros da família Carvalho. Defendendo o povoado, no momento do ataque, que durou um dia e meio, “24 ou 25 pessoas do povoado por 300 homens dos Carvalhos”, segundo (WILSON, 1974:100). Nessa refrega emerge mais um dos componentes do ser macho nas plagas nordestinas sertanejas: o não dar lugar à imposição promovida pela limitação física. Verifique-se o registro de (WILSON, 1974:100-101):

[...] naquela ocasião, **Zé Menino** (irmão de Né Pereira e Sebastião), **que era paralítico e vivia sentado num couro de boi.** Na luta, **quando a coisa apertava de um lado, Zé Menino pedia que puxassem o couro e**

<sup>14</sup> Apelido que Antônio dava à mãe de Sinhô Pereira, por ela ser estrábica.

**colocassem em uma das “torneiras”<sup>15</sup> da casa, dali mandando fogo contra os Carvalhos. Quando apertava do outro lado, puxavam outra vez Zé Menino, que lutou assim até o último tiro.** (Os negritos são nossos).

O fato de ser impedido de auto-locomção não se constituiu elemento obstaculizador a Zé Menino de empreender luta ao inimigo. No sertão nordestino, uma ação desse naipe é tremendamente louvada e, geralmente, tem sua narrativa arrematada pelo dizer: “aleijado macho”! Ou, “aleijado-homem”! Em contrapartida, do protagonista de tal fato ou semelhante, é comum ouvir: “sou aleijado, mas sou homem”! Clara alusão à sua capacidade de superação de algo que justificaria a inércia em luta: a paralisia física.

Não se pode esquecer-se da lealdade como elemento componente do perfil da macheza sertaneja nordestina. Essa virtude é tremendamente louvada naquelas terras e, geralmente, decorre da gratidão presente naquele que a protagoniza. O ser ingrato é atitude censurada naquele meio, visto que, “a gratidão é algo que perpassa o universo cultural sertanejo e para ele é desonroso o ser ingrato” (FERREIRA JÚNIOR, 2009: 19).

A prática de tal agir é vista, como exemplo tomado, em um relato de (LIRA, 2007: 91), envolvendo um fazendeiro da família Carvalho, chamado Florentino Alves de Carvalho ou Florentino do Entre-serras e o seu desafeto de significativa monta: Lampião. O cangaceiro, no falar do autor citado, tentou extorquir o fazendeiro. Este lhe negou a extorsão e foi jurado de morte. Aí, no embate entre ambos, vem à tona o que se diz aqui ser elemento componente da macheza sertaneja, a lealdade:

Um dia, com treze cangaceiros, Lampião realizou a visita a Florentino [...] Florentino ouvindo os tiros, sabendo que era Lampião atirando no seu morador, juntou os companheiros: Joaquim Bertolino e João Izidoro. Tomaram posição de combate em torno da casa, onde ficaram aguardando a chegada dos visitantes. [...] depois de algumas horas de cerrado fogo, Lampião vendo a bravura de Florentino e de seus companheiros, convidou-os a se entregarem, que os garantiriam, **que homens daquela marca não se matava; convidou mais os dois companheiros de Florentino para seguirem no seu grupo. Agradeceram dizendo que eram homens de verdade, que preferiam a morte brigando ao lado do patrão Florentino, pois que não eram covardes.** Aquele gosto não davam ao bandido. Contudo, Lampião fazia apelos, **porém os homens eram fortes, não se dobravam e repetiam dizendo que preferiam a morte a se entregarem.** Vendo Lampião que não dava cabo dos três sertanejos, retirou-se. (Os negritos são nossos).

No excerto acima covardia é sinônimo de deslealdade e esta, por sua vez, decorreria da ingratidão. O significado dessa ação certamente repercutiu naquele lugar e, por conseguinte, os dois trabalhadores de Florentino passaram a usufruir de significativo capital simbólico, (BOURDIEU, 2007).

Finalizando, no referente a traços componentes da macheza nordestina sertaneja, cite-se a negação de superioridade de força de um homem em relação a outro. Como exemplo de tal caractere, o protagonizado por Alexandre Pereira da Silva, em uma vaquejada, parece ser contundente. Ali, o Pereira citado teria ouvido de um vaqueiro cearense sobre a descomunal força de outro vaqueiro que, quando passava montado a cavalo embaixo de uma árvore que tivesse galho baixo e forte, “agarrava-se ao mesmo, e prendendo as pernas à barriga da montaria, suspendia-a com ele, ficando o animal com pés e mãos patinando na terra”, (WILSON 1974:

---

<sup>15</sup> Torneiras eram buracos feitos nas grossas paredes das casas sertanejas, localizados estrategicamente, onde se colocava o cano da arma e, de dentro de casa, atirava-se no inimigo sitiante.



200). Não fazendo comentário nenhum, Alexandre, no dia seguinte, protagonizou o relatado por (WILSON op. cit.: 201):

[...] saiu com o vaqueiro e outros amigos e, sem que ninguém notasse, começou a procurar uma árvore que se prestasse à execução da façanha contada na véspera. Encontrando-a, parou o cavalo (contam que o cavalo de Alexandre era um bicho grande como ele) e disse, virando-se para o vaqueiro:

----- **Rapaz, eu ouvi, ontem, a sua história e vou tentar fazer o mesmo. Se eu fizer, é verdade, se não fizer, é mentira. Não há nada que um homem faça que outro não possa fazer.**

E antes que o vaqueiro pronunciasse uma única palavra, segurando o galho de um umbuzeiro com as mãos levantadas para cima, prendeu com as pernas a barriga do cavalo e levantou-o do chão. Tendo o animal suspenso, falou satisfeito:

----- Moço é verdade a sua história. Você pode contá-la a todo mundo (Os negritos são nossos).

Os exemplos citados trazem à tona realidades que perfazem o ser nordestino sertanejo e que, por sua vez, produzem o estereótipo de macho, de homem desassombrado, que nada teme, senão aos “castigos de Deus”, que se afirma e se reafirma, perante os seus pares, mediante a prática de atos, em sua grande maioria perpassados pela violência.

Não se afirma aqui ser a prática da macheza algo generalizado no sertão nordestino, mas se procura mostrar como o ser diferenciado por ser macho é capital simbólico significativo, que promove, a quem o possui, dentre outras coisas, o usufruto de outro tipo de capital, o social, que segundo (BOURDIEU, 2007: 248), define-se como sendo: “o agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo”.

Assim, ainda que atrocidades sejam as práticas provenientes do macho sertanejo, se executadas encimadas, por exemplo, nas justificativas elencadas neste capítulo, perdem sua característica de atrocidade e elevadas são ao patamar de macheza, de valentia, de destemor, passando o protagonista da macheza a ter a sua ação sancionada positivamente pelo grupo ao qual pertence.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais Serra Talhada não traz sobre si a pecha de cidade violenta como durante significativo espaço de tempo ostentou. Não foram poucas as vezes que esteve a cidade entre as dez mais violentas do estado de Pernambuco. O estigma de terra de cangaceiro marcou significativamente o *locus* serratalhadense e, a não poucos dos seus cidadãos promoveu desconforto.

Todavia, ainda que contemporaneamente se verifiquem mudanças, ainda são identificadas práticas que, de maneira clara, relacionam-se com o *ethos* da macheza construído culturalmente pelos precursores dos homens e mulheres que povoam a cidade. Ou seja, não são poucas as vezes que atitudes masculinas denunciadoras da macheza se fazem anunciadas. Tome-se, como exemplo, o alto índice de violência contra a mulher detectado na cidade, mesmo existindo a rígida ação da polícia e da justiça no referente ao infrator. Parece haver uma naturalização da supremacia masculina sobre o feminino.

Desse modo, o conhecimento do momento fundador do povoamento que veio a se tornar a cidade de hoje é elemento imprescindível à compreensão de determinadas ações

protagonizadas nos dias atuais. Ademais, entendendo-se ser a macheza uma construção cultural, crer-se ser possível sua desconstrução, a partir, principalmente, da educação.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval M de. **Quem é frouxo não se mete**: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. Projeto História, São Paulo, Vol. 19, p.p. 173 – 188. 1999.
- \_\_\_\_\_. **A INVENÇÃO DO NORDESTE E OUTRAS ARTES**. São Paulo. Cortez. 2009.
- ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução**: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE. Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo. Contexto. 2009.
- COTRIM, Gilberto. **História Geral e do Brasil**. São Paulo. Ática. 2002.
- CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. São Carlos. EDUSC. 2002
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo. Hifel. 2007.
- DURKHEIM, Émile D. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo. Martins Fontes. 2007.
- EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro nos Tempos dos Vice-reis**. Rio de Janeiro. Athena. 1935
- FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo. Edusp. 2004.
- FERREIRA JÚNIOR, J. **Sobre Poder e Manutenção de Poder**: a construção e manutenção da imagem de Inocêncio Oliveira em Serra Talhada In: X Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do CH/UFCG. **A Universidade e as Dinâmicas Sociais Emergentes**. Campina Grande: EDUFCG, 2009.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo. Global. 2004.
- HOBSBAWM, Erick. **A Invenção das Tradições**. São Paulo. Paz e Terra. 2002.
- LARAIA, Roque de B. **Cultura**: um conceito antropológico. São Paulo. Zahar. 1992.
- LIRA, João G de. **Lampião**: memórias de um soldado de volante. Floresta. TODA. 2007.
- MACIEL, Frederico B. **Lampião, Seu Tempo e Seu Reinado**. Petrópolis. Vozes. 1986.
- WILSON, Luis. **Vila Bela, os Pereira e Outras Histórias**. Recife. EDUFPE. 1974.